**FACULDADE INTERNACIONAL DE TEOLOGIA REFORMADA**

MATÉRIA: O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA

TRABALHO DE RESENHA

**LIVRO:** O ESPÍRITO SANTO

**AUTOR:** SINCLAIR B. FEREGUSON

**EDITORA:** OS PURITANOS

RIO DE JANEIRO, 14 DE DEZEMBRO DE 2020

* CAPÍTULO 1

Neste capítulo introdutório o autor abordou alguns aspectos de quem é o Espírito Santo e sua obra. Percebi que ele quis enfatizar bem sobre a pessoa do Espírito Santo dando a entender que o Espírito é realmente um ser existente, e não apenas uma força como alguns pensam. O Espírito Santo como o autor diz “Expressa, em sua forma mais fundamental (“O fôlego da vida”), poder, energia e vida. Como diz, grudem em sua teologia sistemática: "No domínio da natureza, é papel do Espírito Santo dar vida a todas as criaturas animadas na terra, no céu, ou no mar, como está escrito: “Enviais o teu Espírito, eles são criados (Sl 104:30). E no sentido inverso, se Deus para si recolhesse o seu Espírito e o seu sopro, toda carne juntamente expiraria, e o homem voltaria para o pó(Jó 34:14-15)."

O Espírito Santo se encontra no antigo testamento de uma forma poderosa e irresistível. Segundo o autor, até mesmo de certa forma violenta, pois ele vem para concretizar os propósitos de Deus, quer criativos, quer destrutivos.

Quanto a isto, Grudem nos auxilia em mais um texto: “No antigo testamento, o Espírito Santo muitas vezes capacitam pessoas para o serviço especial. Ele capacitou Josué com habilidade de liderança e sabedoria (Nm 27:18; Dt 34:9, e deu poder aos juízes para libertar Israel de seus opressores (observe como o Espírito do Senhor “veio sobre” Otoniel em Jz 3:10, Gideão em 6:34, Jefté em 11:29 e Sansão em 13:25; 14:6,19; 15:14).”

Não só estas passagens, como diversas outras mostram o poder do Espírito Santo para realizar a obra da história redentora de Deus. No episódio em que Moisés acha pesado o seu cargo e Deus manda que separe setenta anciãos, vemos nitidamente a ação do Espírito sobre aqueles homens, capacitando-os para a obra (Nm 11:11-29).

O que o autor nos leva ao conhecimento, é que o Espírito Santo no antigo testamento estava lá executando as ordens de Deus e assenhoreando-se de pessoas para o cumprimento dos propósitos de Deus.

* CAPÍTULO 2

No capítulo 2, o autor destaca bem a “função” do Espírito Santo em Cristo. Ele, o Espírito, é tão absorvido por Cristo, que Jesus torna-se o seu Senhor. Vale destacar o que o autor disse sobre, a consequência disso: “ Como resultado, quando vem aos cristãos com o fim de habitar neles, Ele vem como o Espírito de Cristo, de tal maneira que possuí-lo, equivale a possuir o próprio Cristo, assim como a ausência dele equivale a ausência de Cristo”.O que ele está dizendo, é que o Espírito e Cristo, são um só, não há diferença entre eles, somente na parte econômica, como vemos nas suas obras.

Vemos também que o Espírito vem como testemunha de Cristo, como um amigo íntimo que testemunha sobre nós, com o propósito de nos ajudar.

Compreendi também que sua obra, no período do NT está intimamente vinculada a obra do Senhor Jesus. A humanidade de Jesus foi criada pelo poder do Espírito (Lc 1:35). Jesus serviu no poder do Espírito (Mt 12:28) e por meio do Espírito ofereceu-se ao Pai como propiciação pelos pecados de homens e mulheres (Hb 9:14). E o Espírito ressuscitou dentre os mortos (Rm 8:11; 1Pe 3:18).

Outra parte que destaco aqui, é o trecho que o autor fala sobre a atuação do Espírito sobre a Ressurreição de Jesus. A expressão “OPERA AD EXTRA TRINATATIS INDIVISA SUNT” nos elucida bem a respeito da Trindade. Nenhuma pessoa da Trindade age independente em si mesma. Toda obra é atribuída as três pessoas, eles trabalham juntos em perfeita sintonia, inclusive na ressurreição, pois o Espírito Santo é quem traz a vida aos mortos mediante o poder de Deus, e porque Cristo foi o primogênito dentre os mortos (Rm 1:4).

Ele, o Espírito Santo, está entre nós, Ele habita em nós. Se ele habita em nós, então o próprio Cristo está em nós. Mas, se alguém rejeita o Espírito, rejeita o próprio Cristo, e consequentemente, a Deus, o Pai e Criador (Ver Rm8:5-17).

* CAPÍTULO 3

O autor neste capítulo, nos fornece informações suficientes para elucidação do poder do Espírito Santo, para qual propósito Ele veio e qual era a sua missão.

O Pentecoste foi um divisor de águas e ao mesmo tempo a ligação do AT com o NT. Esse evento nos mostra o cumprimento das promessas como também nos diz que o AT se tornou obsoleto. Todo cristão agora pode usufruir do poder do Espírito Santo, diferentemente de como era no AT, pois somente poucos tinham esse dom do Espírito.

Quanto a isso, Grudem diz: “O Espírito Santo também capacitou os discípulos de Jesus para vários tipos de mistério. Jesus lhes tinha prometido: “... mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda Judéia e Samaria e até os confins da Terra” (At 1:8). Há vários exemplos específicos da atividade do Espírito Santo concedendo poder aos primeiros cristãos para operar milagres à medida que eles proclamavam o evangelho (note Estevão em At 6:5,8; e Paulo em Rm 15:19; 1Co 2:4). Mas o Espírito Santo deu também grande poder à pregação da Igreja Primitiva, de modo que quando, os discípulos eram cheios do Espírito Santo proclamavam a palavra com coragem e grande poder (At 4:8,31;6:10; 1Ts 1:5; 1Pe1:12). Em geral, podemos dizer, que o Espírito Santo fala por meio da mensagem do Evangelho, “na medida que ele é proclamada de maneira eficaz ao coração das pessoas”.

Outro aspecto que quero destacar, é quando o autor fala sobre uma Babe I invertida. Na Babe I original, Deus dá as línguas para o povo, para que eles se dispersem e se separem. Diferentemente de Pentecoste, que o Espírito Santo deu o dom de línguas, para que o povo entendesse e se unificassem como um só povo, o povo de Deus.

Destaco também o ponto em que o autor nos esclarece sobre quem são os cristãos modernos. Eles são capacitados pelo Espírito Santo, gozando de um “status” (profeta) que somente os profetas do AT tinham. Pedro diz em sua primeira carta: ‘Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido para que anuncieis as virtudes daqueles que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2:9).

Note que ganhamos o “status” de sacerdócio real para trabalharmos, e não para nos exibirmos. Em At 1:8 o Senhor Jesus diz que eles receberiam o “poder” do Espírito Santo, para serem “Testemunhas do Senhor”!

Outro aspecto que destaco, e aqui encerro o capítulo, é quando ele trata sobre “processão”, de onde procede o Espírito Santo. Se temos uma compreensão correta da Trindade, tudo fica mais claro. Foi como o autor explica com clareza as demais opiniões de teólogos, mas nos ensina que o Espírito procede tanto do Pai, como do Filho.

* CAPÍTULO 4

O evento de Pentecostes podemos dizer que foi o cumprimento das promessas redentivas com a descida do Espírito Santo, primeiramente para os cento e vinte discípulos que andaram com Cristo em seu ministério na terra, logo após para os três mil que se converteram com a pregação de Pedro, cheio do Espírito Santo, e continuamente a todos os eleitos até os dias de hoje. Não estou afirmando que o evento de Pentecostes vem se repetindo, pois foi um evento único para aqueles dias, mas que seu efeito ainda opera naqueles que se converteram à Cristo, isto é, no momento da conversão a pessoa é batizada com Espírito Santo.

Os eventos de Cesareia, Samaria e Éfeso, pelo que entendi, foram eventos distintos, cada um com seu propósito. Em Cesareia, para mostrar que o Espírito Santo veio para todos, judeus e gentios; Em Éfeso e Samaria parece ter dois estágios do batismo, em Samaria foi necessário que os apóstolos Pedro e João fossem à cidade para constatar a conversão dos samaritanos, porque havia entre eles, judeus e samaritanos, uma grande inimizade, e por alguma razão, o Senhor os reservou para aquele momento receber pela imposição de mãos dos apóstolos, o batismo com o Espírito Santo. E em Éfeso aparenta que aqueles homens foram mal instruídos e que ainda não eram convertidos de verdade.

Portanto, não há dois batismos, mas um só Espírito. Efésios 4:4-6 explica bem isto: “Há um só corpo e um só espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação. Um só Senhor, uma só fé, um só batismo; Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós”.

* CAPÍTULO 5

O autor enfatiza neste capítulo dois assuntos sistemáticos importantes. O primeiro é a “Ordem da Salvação” (Ordo Salutis). “Quando em teologia falamos da “Ordo Salutis, estamos falando das diferentes partes da salvação e de como elas são aplicadas e dada ao povo de Deus pelo Espírito Santo. Em outras palavras, a “Ordo Salutis” descreve a obra do Espírito de Deus em nós”.

Numa “Ordo Salutis Reformata”, existem várias coisas que devem ser enfatizadas e não podem ser mudadas. A regeneração e o chamado eficaz devem vir antes da fé, caso contrário temos a fé como uma obra do homem, que é arminianismo. A própria fé deve vir antes da justificação para manter a grande verdade protestante da justificação pela fé somente. Finalmente, a justificação deve preceder a santificação, caso contrário temos a doutrina romana da justificação pelas obras. Como vemos, é necessário que se tenha um “Ordo Salutis”.

O Pr. Franklin Ferreira em sua “Teologia Sistemática” nos ajuda nesse entendimento. Começamos com a definição de Berkhot: “A Ordo Salutis descreve o processo pelo qual a obra da salvação realizada em Cristo, é concretizada subjetivamente nos corações e vida dos pecadores”. Em outras palavras, a Ordo Salutis resume a ordem por meio da qual os diversos benefícios da salvação alcançados por Cristo são aplicados aos pecadores eleitos. Neste propósito, a Ordo Salutis enfatiza a sequência lógica, não cronológica, dos vários aspectos da salvação, relacionando as várias ações do Espírito Santo na aplicação da obra da redenção. A ênfase lógica se deve ao fato de que não há intervalo de tempo na obra da salvação em nossos corações – Com única exceção da santificação, já que ela é um processo iniciado na conversão, mas que só encontrará sua consumação nos novos céus e terra”.

E ele acrescenta mais na frente: “A Ordem da Salvação nos da uma visão panorâmica do processo total da redenção”. Mas o alerta de Hoekema deve ser considerado: “As diversas fases do caminho da salvação não devem ser vistas como uma série de passos sucessivos, cada qual tomando o lugar do anterior, mas antes, como aspectos simultâneos do processo da salvação, os quais depois de iniciados continuam lado a lado”. Ele prossegue: “ O processo de salvação deve ser visto como uma experiência unitária que envolve diversos aspectos que começam e continuam simultaneamente”.

É um processo contínuo pelo poder do Espírito Santo que nos é outorgado. Quem está dentro desse processo “já”é um salvo, mas “ainda não” na sua plenitude, pois na doutrina do “Ordo Salutis Reformata” falta-nos ainda o último estágio, a glorificação.

O segundo assunto é a nossa união com Cristo, o qual o autor foi bem elucidativo. Mas quero destacar aqui alguns escritos de homens que de diferenciaram por conta de sua erudição. Vejamos o que John Murray diz a respeito da união com Cristo: “A união com Cristo tem a sua fonte na eleição de Deus, pois antes da fecundação do mundo, e sua fruição, esta na glorificação dos filhos de Deus. A perspectiva do povo de Deus não é estreita, é ampla e duradoura. Não está limitada por esforço e tempo; tem a vastidão da eternidade. A sua órbita tem dois focos, sendo um, o amor da eleição de Deus Pai nos desígnios da eternidade e o outro, a glorificação com Cristo na manifestação da sua glória. O primeiro não teve início; o segundo não tem fim (...) Por que o crente obriga com tanta alegria a ideia do desígnio determinado de Deus? Por que pode ele ter paciência nas perplexidades e nas adversidades do presente? Por que pode ter uma firma confiança do futuro, alegrando-se na esperança da glória de Deus? É porque ele não pode pensar no passado, no presente, ou no futuro, independentemente da união com Cristo”.

Mas essa alegre certeza que John Murray diz, está fundamentada nas Escrituras. Vejamos o Evangelho de João 6:37-39: “Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do pai que me enviou é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu, eu perca, mas que o ressuscite no último dia”.

Nesse mesmo pensamento, o Pr Franklin Ferreira diz: “A união do crente com Cristo é o eixo em volta do qual giram todos os outros aspectos da salvação. O início da salvação é a eleição do crente em Cristo. A consumação da salvação é a glorificação do crente em Cristo”. E ele acrescenta em outra parte: “Assim, nossa união com Cristo é abordada biblicamente a partir da união eterna dos eleitos com Cristo e da realização da união com Cristo no cristão, no processo de salvação. A primeira é a união objetiva e a segunda é a união subjetiva”.

Há consequências em nossa união com Cristo e essas consequências a priori nos traz bênçãos. Vejamos o Wayne Grudem nos diz sobre isso: “Quando Cristo voltou ao céu, portanto, todas as bênçãos da salvação vos foram concedidas. Deus considerou que essas bênçãos eram justamente nossas, como se nós mesmos os tivéssemos conquistado. No entanto, foram guardadas para nós no céu – na verdade, na mente de Deus e em Cristo, nosso representante – à espera do momento de nos serem concedidas em nível pessoal (1Pe 1:3-5; Cl3:3-4; Ef 1:3)”.

Assim, Calvino começou seu estudo sobre a obra do Espírito Santo: “Impõe-se-nos ver agora como nos advêm as benesses que o Pai conferiu ao Filho Unigênito, não para o seu uso particular, mas para que enriquecesse os pobres e indigentes. E, primeiramente, deve ter-se em conta que, por quanto tempo Cristo estiver fora de nós e dele estivermos separados, tudo quanto Ele sofreu e fez para a salvação do gênero humano nos é improfícuo e de nenhuma relevância. Portanto, para que se compartilhe conosco aquilo que recebeu do Pai, Ele precisou torna-se nosso e habitar em nós”. Não é sem fundamento que Calvino declara isso. Em João 17:21-2 o próprio Jesus disse: “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, eis em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu, em mim para que eles sejam perfeitos em unidade e para que o mundo conheça que tu me enviastes a mim, e que os tens amado a eles, como me tens amado a mim”.

Portanto, a nossa união com, e em Cristo implica a imitação do próprio Cristo. A nossa vida deve ser assim, espelhar a vida dele, para que lhe rendamos honra em tudo em que façamos (Fp 1:20).

A nossa comunhão com Deus é resultado da nossa união com Cristo. Temos pleno acesso a Deus por estarmos em união com Cristo (Ef 3:12).

* CAPÍTULO 6

Quero destacar nesse capítulo o aspecto da regeneração. É algo que a muito não ouço nos púlpitos. Parece que ficou restrito somente para os estudiosos em teologia sistemática. O autor faz uma narrativa bem explicativa sobre o tema, mas esse é um tema muito amplo pelo o que eu entendi.

James I. Packer, às vezes usou o termo regeneração para cobrir a regeneração subjetiva completa do homem, incluindo “conversão e santificação”.

J. P. Boyce tratou da regeneração e conversão juntos – “sem duvidas, tão intimamente associados que é difícil separá-los e apontar distinções entre elas’. Ele explica: “As Escrituras unem os dois aspectos debaixo da única ideia do novo nascimento e ensinam que não só a regeneração é absolutamente essencial em cada conversão, mas que, em cada alma inteligente e responsável, a conversão invariavelmente acompanha a regeneração (...). As Escrituras também ensinam que a regeneração é obra de Deus, mudando o coração do homem pela sua soberana vontade, enquanto a conversão é o ato do homem voltando-se para Deus com a nova disposição dada ao seu coração”.

Um texto que marca bem esse aspecto da regeneração é de Jo 3;1:10, em que Jesus conversa com Nicodemos e diz a ele que era necessário nascer de novo (gerar de novo, regenerar). Jesus não censurou a ideia do seu visitante de um segundo nascimento ou um novo nascimento, mas desejou que Nicodemos entendesse o que o Antigo Testamento ensina claramente, que o novo nascimento profetizado acerca da nação de Israel, e necessariamente das pessoas individuais que comporiam o Israel nascido de novo, seria espiritual, e não físico. Abrangeria não só os judeus, como também os gentios. Isso seria causado pelo Espírito de Deus, que é soberano em método, meios e tempo.

A regeneração pode ser considerada de forma mais abrangente, e, portanto, inclui o chamado eficaz, a conversão, santificação, etc.

No comentário de 2Timóteo 2:11 Calvino diz: “Nossa salvação começa com a regeneração, e é completa pela nossa perfeita liberação, quando Deus nos afasta das misérias da nossa vida mortal”.

Packer acrescenta em um breve artigo: “O substantivo “regeneração” (paliggenesia) ocorre apenas duas vezes. Em Mateus 19:28 ele traz a ideia da restauração escatológica de todas as coisas (At 3:21), debaixo do Messias por quem Israel estava esperando. Esse eco do uso judeu aponta para o plano mais amplo da renovação cósmica, no qual o plano do indivíduo (referindo-se a Tito 3:5) encontra seu lugar”.

Uma declaração de Jesus a Nicodemos sugere que esse aspecto da regeneração estava também no Antigo Testamento. Jesus disse: “Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo” (V.3). E Nicodemos perguntou: “Como pode ser isso”? (V.9). Jesus respondeu: “Você é mestre em Israel e não entende essas coisas? (V.10).

A implicação clara é que qualquer bom mestre das Escrituras Hebraicas deveria saber que o reino messiânico seria precedido pelo arrependimento, fé e a purificação de Israel.

Existem alguns textos no A.T. que testificam isso, por exemplo: Jr 31:17-20, 32-34; Ez 36:24-30; Ez 11:19-20.

Os autores do N.T. tomam esses textos especificamente para descrever a experiência da regeneração e incorporação na família de Deus de não israelitas no N.T. (Hb 8:8-12). Esses autores tratam a passagem como uma predição da regeneração de pessoas nessa era bem como a era vindoura da regeneração cósmica especificada por Jesus em Mt 19:28.

Essas verdades do A.T. são, sem sombras de duvidas, pelo que me parece, que Jesus tinha em mente quando despediu Nicodemos para a sua casa, com uma “disposição” de repensar todas as suas pressuposições farisaicas acerca das verdadeiras religiões de Israel como contrárias ao judaísmo oficial das sinagogas palestinas. “Você é mestre em Israel e não entende a necessidade de nascer de novo para entrar no reino messiânico”?

O Espírito Santo é que vem ao nosso encontro, não nós a Ele. É uma obra completa. Uma mulher não pode estar um pouco grávida. O mesmo ocorre com a regeneração. Ela é permanente. Disse Jesus: “E dou-lhes a vida eterna, e nunca irão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão”. (Jo 10:28).

É algo contínuo, acompanhado inclusive do arrependimento e da fé. Sem regeneração não há essas duas coisas. O arrependimento é pelos pecados e a fé, é crer em Cristo, e que Ele pode perdoar os nossos pecados arrependidos e confessados. O Espírito Santo mora no crente na regeneração, não para torná-lo em ser divino, mas para mudar a disposição dominante nele, que é o ser pecador, para um ser convertido, justificado, santificado, arrependido e cheio de fé.

* CAPÍTULO 7

A santidade no cristão é algo tão sério para Deus, que Ele nos adverte em vários pontos da Escritura. Levítico 19:2 diz: “Fala a toda congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: Santos sereis porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou Santo”.

Pedro tendo em sua concepção essa diretriz, declara em sua carta: “Mas, como é Santo aquele que vos chamou, sede vós também Santos em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede Santos, porque eu sou Santo”. (1Pe 1:15-16).

Sinclair B. Ferguson neste capítulo deixou bem claro uma das principais missões do Espírito Santo, “Santidade”. Ele nos mostrou o quanto é importante a obra do Espírito Santo sobre o crente no quesito santidade, durante a vida cristã da pessoa.

Na página 178, Ferguson faz uma importante declaração: “Deus separa homens e coisas para sua própria possessão e propósito. Mais plenamente “santificar” significada que Deus tomou posse novamente de pessoas e coisas que haviam sido dedicadas a outros usos e haviam sido possuídas para outros propósitos, e não para sua glória, e os tomar para sua própria possessão afim de que venham refletir sua própria glória”. Resumindo, o Espírito nos toma de volta, nos santifica para podermos servir a Deus de uma forma mais pura.

O autor de Hebreus nos diz: “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”. (Hb 12:14)

Há uma necessidade prioritária em se santificar, pois sem isso não veremos ao Senhor. E isso também não vem de nós, é o Espírito Santo quem os santifica para toda boa obra.

O Senhor Jesus nos diz em seu “Sermão do Monte”, o seguinte: “ Bem aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”; Hb 12:14 ecoa as palavras do Senhor Jesus neste texto.

É necessário, prioritário, urgente, de suma importância, essencial, indispensável, sine qua non, sermos “santificados pelo Espírito Santo”.

A santidade, portanto, é um compromisso abrangente e vitalício de vivermos em direção a Deus. Somos chamados para ter vida santa (Hb 12:14), pois a santidade deve seguir a regeneração (Ef 1:4).

Richard Sibbes foi um puritano do século XVI que dizia que devemos acolher o Espírito, ele declara: “Não foi no mundo amigo tão notável e tão agradável que nos fará tão grande bem quanto o Espírito, se o acolhermos”. O que ele quis dizer, foi que, se somos templo do Espírito, andemos conforme o Espírito anda, acolhendo-o em nós mesmo para que se faça a santificação no nosso âmago. Sibbes ensinava que, quando o Espírito de Deus entra no coração de um pecador, regenerando-o e convencendo-o da verdade do Evangelho, o Espírito começa imediatamente a viver dentro daquela pessoa. Mas o Espírito não chama atenção para si, pelo contrário, o Espírito trabalha para unir firmemente nosso coração a Deus e a Jesus Cristo. E ele diz: “Ele (o Espírito) santifica e purifica, e tudo que faz procede do Pai e do Filho, e nos une firmemente ao Pai e ao Filho; primeiro ao Filho e então ao Pai (...) porque toda comunhão que temos com Deus é pelo Espírito Santo. Toda comunhão que Cristo enquanto homem teve com Deus foi pelo Espírito Santo; e toda comunhão que Deus tem conosco e nós temos com Deus, é pelo Espírito Santo. Pois o Espírito é o vínculo da união entre Cristo e nós, e entre Deus e nós”. E ele acrescenta em outra parte: “Que o Espírito pense em nós, deseje em nós, ore em nós, viva em nós, faça tudo em nós; esforce-se sempre por ter essa atitude afim de que estejamos preparados para que o Espírito possa operar em nós”.

(Teologia Puritana – Joel R. Beeke)

A obra do Espírito Santo não é concluída quando alguém se torna crente; ao contrário, ela está apenas começando. Ele (o Espírito) realiza uma série de outras funções no progresso da vida cristã, entre elas, a santificação.

* CAPÍTULO 8

A união mística com Cristo nos traz a comunhão com o Espírito. E é por esta comunhão que o Espírito capacita os crentes a experimentarem, nessa era, uma inundação do céu que é um “mundo de amor”, conforme o autor Jonathan Edwards comenta na página 228. Mais na frente ele diz: “Experimentamos a abundância do amor de Deus no Espírito, tanto agora, como depois”. É a certeza de que “já” estamos vivendo as primícias do que ainda há de vir em plenitude.

Destaco também, a questão que o autor explana sobre “O Paracleto”. Assunto este não tão discutido em nossas igrejas. Nesta parte, gostaria de dar uma ênfase um pouco maior sobre o assunto.

Paracleto significa literalmente “chamar para o lado”, no sentido de alguém que é chamado para ficar ao lado de outra pessoa com objetivo de ajudá-la. A palavra *paracleto* aparece na bíblia cinco vezes no Novo Testamento – todas nos escritos de João. Quando aplicada ao Espírito Santo, geralmente essa palavra é traduzida como “Consolador”, “Ajudador” ou “Conselheiro”.

Paracleto é uma palavra grega cuja raiz vem do verbo *kaleo* “chamar”, junto do prefixo *para*, “ao lado de”. Na cultura grega, normalmente um paracleto era um advogado de família que era acionado para ajudar uma pessoa que se envolvia em problemas. Então a figura do paracleto era vista principalmente como um defensor legal que cuidava da defesa de uma pessoa.

**CRISTO COMO PARACLETO**

Sempre quando se usa a palavra *paracleto* as pessoas se lembram do Espírito Santo. Mas não podemos jamais nos esquecer de que Jesus é também um Paracleto. Quando Jesus Cristo prometeu a vinda do Paracleto – e nesse caso, Ele estava se referindo ao Espírito Santo – ele não disse simplesmente que “o Paracleto” seria enviado, mas disse que “outro Paracleto” seria enviado (João 14:16).

Para haver “outro Paracleto” é preciso que haja um primeiro Paracleto. Então isso quer dizer que numa primeira aplicação, a palavra Paracleto se refere ao próprio Jesus Cristo. Além disso, Jesus prometeu que rogaria ao Pai e Ele daria o “outro paracleto”, e na sequência acrescenta que esse segundo Paracleto é o “Espírito da Verdade” (João 14:17). Então obviamente essa é uma evidência clara da divindade do Senhor Jesus, pois Ele se coloca claramente como igual ao Espírito de Deus.

Mas, em que sentido o Senhor Jesus é o nosso Paracleto? O apóstolo João responde: “Se, porém, alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 João 2:1). A palavra advogado nesse versículo traduz exatamente grego paracleto. Algumas traduções trocam “advogado” por “intercessor”.

Isso quer dizer que Jesus é o nosso Paracleto que intercede em nosso favor diante do Pai. Ele é quem pleiteia a nossa causa. Ele nos defende, não com base em nossa própria justiça e merecimento, mas com base em Sua justiça e Seus próprios méritos.

Além disso, olhar para Jesus como nosso Paracleto ainda traz um conforto indescritível. Isso porque em Sua exaltação, todo julgamento foi confiado a Ele (João 5:22). Portanto, Ele é tanto o nosso Paracleto quanto nosso Krites, isto é, é tanto nosso Advogado quanto o nosso Juiz.

**O ESPÍRITO SANTO COMO O OUTRO PARACLETO**

Se Jesus é o primeiro Paracleto, o Espírito Santo é o outro Paracleto. Claro que essa verdade bíblica aponta de forma inegável para a divindade e pessoalidade do Espírito Santo. Isso quer dizer que se Jesus é Deus, o Espírito Santo também é; se Jesus é uma pessoa, o Espírito Santo igualmente é. Ambos são verdadeiramente Paracletos iguais em poder, glória e majestade, pois justamente com o Pai são Um em essência, isto é, o único e verdadeiro Deus.

Mas aqui também é preciso dizer que muita gente interpreta errado o ministério do Espírito Santo como Paracleto. Quando perguntamos o que significa dizer que o Espírito Santo é o nosso Paracleto, a maioria das pessoas responde que significa que Ele é o nosso Consolador.

Claro que faz parte do ministério do Espírito Santo trazer consolo, conforto e paz aos crentes aflitos. Mas não devemos enxergar o Espírito Santo como um mero enxugador de lágrimas – que é o primeiro significado que vem em nossa mente quando pensamos na figura de um consolador.

Na verdade Jesus falou do Espírito Santo como o nosso Paracleto num contexto de conflito, de perseguição, e de ódio. O Senhor Jesus avisou que seus seguidores enfrentariam grande oposição por sua causa (João 15:18-16:4). Ele não estaria mais fisicamente presente com eles, mas enviaria outro Paracleto para assisti-los.

Portanto, o Espírito Santo como Paracleto significa que Ele é o defensor, o fortalecedor, o encorajador dos crentes. Os redimidos não estão desamparados neste mundo, eles têm um Advogado presente aqui e agora. Se Cristo é o nosso Paracleto diante do Pai, o Espírito Santo é o nosso Paracleto diante da hostilidade deste mundo.

É pelo poder do Espírito Santo que somos santificados, conduzidos em toda verdade e habilitados a vestir a armadura de Deus através de uma vida de oração (João 14:16,26; 15:26; 16:7; Efésios 6:10-20). E até mesmo quando não sabemos quando orar, como um bom Advogado, o Espírito Santo fala por nós com gemidos inexprimíveis (Romanos 8:26).

* CAPÍTULO 9

Neste capítulo quero destacar os assuntos do “Corpo de Cristo” e do “Batismo com o Espírito”, que o autor resumidamente menciona nesta parte do livro.

Talvez o texto que mais pode nos aproximar deste relevante assunto, seja o que está escrito na Carta dos Coríntios: “Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros deste um corpo, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos” (1Co 12:12-14).

Podemos argumentar aqui alguns pontos, mas vou preferir usar as palavras do Dr. Gordon D. Fee em seu comentário exegético de 1 Coríntios. Ele diz: “O argumento está dividido em três partes (V. 12-14, 15-20, 21-26). Nesse primeiro parágrafo, Paulo apresenta a pressuposição básica da ilustração (o corpo é um só) e sua insistência (mas tem muitas partes), as quais ficam em ambos os lados de sua fundamentação teológica/experiência (um único Espírito cria um único corpo no contexto da diversidade). A isso, segue-se então, um duplo aprofundamento da metáfora, com o primeiro enfatizando a diversidade (V 15-20), e o segundo, a unidade (V. 21-26).

A preocupação principal de Paulo com essa série de ilustrações não é que o corpo é um só, embora tenha muitos membros, desse modo defendendo a necessidade que eles têm de unidade, apesar de sua diversidade. E ele acrescenta: “As duas frases seguintes (V. 13, 14) começam com o idêntico, mas incomum, “pois de fato”, sugerindo que por sua vez se destinam a detalhar (ou explicar) o que acaba de ser dito. Portanto, a primeira retoma a declaração pressuposicional (o corpo é um só) e explica como os muitos deles se tonaram um só corpo: Todos foram imersos na mesma realidade, e todos foram levados a beber da mesma realidade – o Espírito.

E em um resumo sobre essa porção sagrada das Escrituras, ele diz: “Assim como um corpo, embora seja um só, tem muitas partes, mas todas as suas muitas partes formam um único corpo, assim também acontece com Cristo. Pois todos fomos batizados por um único Espírito, afim de formar um único corpo – quer judeus, quer gentios; quer escravos, quer livres – e todos recebemos para beber de um único Espírito”.

Assim como na igreja e nos sacramentos, somos unidos ao corpo de Cristo como um só corpo.

* CAPÍTULO 10

Sou um cessacionista moderado, se assim posso dizer. Creio que alguns dons cessaram conforme eram na igreja primitiva, como por exemplo, o dom de cura através do homem. Creio que hoje há cura sim, mas através das nossas orações à Deus e se assim lhe aprouver em conceder a cura.

Concordo com o autor em quase todo o capítulo, salvo quando entra no dom da profecia, pois creio que não podemos limitar o Espírito Santo em qualquer área que seja. Acredito que não haja mais profecia como no Antigo Testamento “Assim diz o Senhor ...” Nem como avia na igreja primitiva. Mas creio que um cristão pode profetizar na vida de outros irmãos, coisas boas, creio que através de sonhos, somos avisados de algo. Não creio em profecia hoje em termos escatológicos ou num geral. Acho que o Espírito Santo hoje trabalha mais especificamente com o individual, pessoal. Não podemos limitar a ação do Espírito Santo”.

O Espírito Santo nos capacita com dons para o serviço e não para nos exibirmos. Depois que aprendi com o Reverendo Leandro Lima, o significado do texto a seguir, não me canso de usá-lo: “Mas recebereis o poder do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra”. (At 1:8)

Para mim hoje este texto é um dos mais importantes de todo o Evangelho. O Espírito Santo viria com o poder sobre os discípulos para eles trabalharem, levarem o Evangelho de Cristo aos quatro cantos do mundo. E é isso que hoje o Espírito Santo continua a fazer, dando poder a todo cristão para testemunhar as boas do Evangelho.

Mas há um dom do Espírito Santo maior e que durará para sempre, que é o amor. Sem esse dom, todos os outros dons são sem eficácia. Uma pessoa pode ter um dom específico, e que muito chamamos a atenção, mas, sem o amor de nada vale.

Encerro aqui deixando o texto de Paulo nas cartas aos Coríntios: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal, que soa, ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e todo o conhecimento, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; O amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com injustiça, mas folga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo conhecimento, desaparecerá; Porque, em parte, conhecemos, e em parte, profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino, mas logo que cheguei a ser homem, acordei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor”. (1Co 13:1-13)

Creio que o texto fale por si só.

* CAPÍTULO 11

O autor neste último capítulo de sua obra, ressalta a atividade do Espírito Santo em todo o mundo. Realmente o Espírito Santo, pode fazer uso de qualquer pessoa, isso para o cumprimento do decreto e da vontade de Deus. O Espírito de Deus vem agindo desde a fundação do mundo (Gn 1:2), e vem fazendo parte de toda a história da humanidade. É um Espírito universal no sentido do seu poder ter o alcance de todas as pessoas e agindo nelas conforme a vontade do Pai e testificando a Cristo. Vejamos o que João diz em sua primeira carta: “Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade”. (1Jo15:26)

Em seu evangelho diz: “Mas quando vier o consolador, que eu, da parte do Pai vos hei de enviar aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim”. (Jo 15:26)

“E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo”. (Jo16:8)

“Mas, quando vier aquele, o Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir”. (Jo 16:13)

Veja que a missão do Espírito Santo é testificar a Cristo Jesus em todo o mundo, neste sentido, ele é universal. Ele falará, não de si mesmo, mas daquilo que o Pai o mandou falar.

O Espírito pode capacitar homens e mulheres incrédulos para os seus propósitos, mas para salvação, somente aqueles cujo foram eleitos antes da fundação do mundo. Nesses, Ele faz habitação conforme apóstolo Paulo diz aos Coríntios “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós”? (1Co 3:16)

Paulo em sua carta aos Romanos nos diz o seguinte: “E, se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou o Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita”. (Rm 8:11)

O Espírito não somente fará vivificar nossos corpos mortais, Ele também nos transformará na ressurreição. (1Co 15:51)

Até que o “eschaton” venha, o Espírito Santo estará em plena atividade, capacitando pessoas com seus dons para o total cumprimento da vontade de Deus Pai.